



GÊNERO E TRABALHO: ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL EM CAXIAS DO SUL NA DÉCADA DE 2000.

GENDER AND LABOR: INTERDISCIPLINARY ANALYSIS OF THE LABOR MARKET IN CAXIAS DO SUL IN THE 2000's.

GÉNERO Y TRABAJO: ANÁLISIS INTERDISCIPLINARIO DEL MERCADO DE TRABAJO FORMAL EN CAXIAS DO SUL EN LOS AÑOS 2000.

Natalia Pietra Méndez¹
Luciane Sgarbi S. Grazziotin²
Adalberto Ajjara Dornelles Filho³

RESUMO:

O artigo propõe um exame das relações de gênero no mercado de trabalho formal na década de 2000 no município de Caxias do Sul. O objetivo é discutir os efeitos das mudanças técnicas e produtivas no mundo do trabalho e possíveis repercussões no perfil dos empregos e dos trabalhadores. A pesquisa utiliza como fonte principal os dados disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), administrado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, Governo Federal. O trabalho situa-se dentro de um campo interdisciplinar da área de ciências humanas, embora os levantamentos de dados e indicadores exijam um exercício de aproximação com a estatística e as ciências sociais aplicadas para seu tratamento. A metodologia utiliza o dado como indício para pensar múltiplas relações sociais entre trabalhadores: acompanhamento das mudanças salariais, os setores de atividade, os tipos de ocupação; igualmente, é possível estabelecer um cruzamento com variáveis que problematizem o perfil dos trabalhadores e trabalhadoras quanto às relações de gênero e o grau de instrução. Foram observadas mudanças nos perfis dos trabalhadores e trabalhadoras. A ascensão da escolaridade, principalmente para o sexo masculino é um fator de destaque no período analisado. Houve um crescimento da participação feminina em setores de ocupação tradicionalmente masculinos e a solidificação da liderança feminina em algumas ocupações. Embora existam trânsitos e deslocamentos, as relações de gênero permanecem como um elemento de segregação no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Gênero. Escolaridade. História contemporânea.

¹ Doutora em História (UFRGS), Professora do Centro de Ciências Humanas e pesquisadora do Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: npietramendez@hotmail.com

² Doutora em Educação (PUCRS), Professora do Centro de Filosofia e Educação e pesquisadora do Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: lusgarbi@terra.com.br

³ Mestre em Matemática Aplicada (UFRGS), professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia e pesquisador do Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: aadornellesf@gmail.com



ABSTRACT:

The article examines gender relationships in the formal labor market in the 2000's in the city of Caxias do Sul. The objective is to discuss the effects of technical and productive changes in the world of labor, and possible repercussions on the profile of jobs and workers. The research uses as its primary source data available in the *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)*, administered by the Ministry of Labor, Brazil. This paper is located within an interdisciplinary field of human sciences and the survey data and indicators treatment is an exercise of statistical approach to the applied and social sciences. The methodology uses the data as evidence to consider multiple social relations among workers: monitoring changes in wages, the sectors of activity, and types of occupation. One can establish a relation with variables that problematize the profile of the workers as relations of gender and education level. Changes were observed in the profiles of the workers. The rise of education, especially for males, is a major factor in this period. There was an increase in female participation in traditionally male sectors of occupation and the solidification of female leadership in some occupations. Although there are transits and movements, gender relations remain as an element of segregation in the workplace.

Keywords: Labor; Gender; Education; Contemporary history.

RESUMEN:

El artículo propone un examen de las relaciones de género en el mercado de trabajo formal en los años 2000, en la ciudad de Caxias do Sul. El objetivo es discutir los efectos de los cambios técnicos y productivos en el mundo del trabajo y posibles repercusiones en el perfil de los empleos y de los trabajadores. La investigación utiliza como fuente principal los datos de la *Relación Anual de Informaciones Sociales (RAIS)*, administrado por el Ministerio del Trabajo y Empleo del Gobierno Federal de Brasil. La propuesta de trabajo se sitúa en un campo interdisciplinario de las ciencias humanas, aunque los datos e indicadores requieran una aproximación con la estadística y las ciencias sociales aplicadas. La metodología usa el dato como indicio para pensar múltiples relaciones sociales entre trabajadores: cambios salariales, sectores de actividad, tipos de ocupaciones; igualmente, es posible establecer una comparación entre variables para analizar el perfil de trabajadores y trabajadoras, considerando relaciones de género y el grado de escolaridad. Fueron observados cambios en los perfiles de los trabajadores y trabajadoras. El aumento de la escolaridad, principalmente para los empleados del sexo masculino, es uno de los elementos claves. La participación femenina en sectores de ocupación tradicionalmente masculinos fue creciente y se solidificó el liderazgo de las trabajadoras en algunas ocupaciones. A pesar de los tránsitos y desplazamientos, las relaciones de género permanecen como un elemento de segregación en el mundo del trabajo.

Palabras clave: Trabajo; Género; Escolaridad; Historia contemporánea.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa em andamento sobre a trajetória das relações de gênero no mercado de trabalho formal em Caxias do Sul que abarca o período de 2000 a 2008. O objetivo é discutir os efeitos das mudanças técnicas e produtivas no mundo do trabalho e as possíveis repercussões no perfil dos empregos e dos trabalhadores. Para tanto, escolhemos realizar um estudo de caso localizado nessa cidade de médio porte, situada na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, que abriga o segundo pólo metal-mecânico do Brasil e, atualmente, uma população de aproximadamente 400 mil habitantes. A pesquisa utiliza como fonte principal os dados disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), registro administrativo do Ministério do Trabalho e Emprego relativo aos empregos formais do país. Para efeitos de comparação e análise da evolução das estatísticas tomamos os anos de 2000, 2004 e 2008 como referência. O interesse no município justifica-se por alguns contrastes com a tendência geral, apontada pelas análises socioeconômicas, de uma atrofia dos empregos no setor industrial e uma expansão do setor terciário em decorrência da globalização e da reestruturação produtiva.

Em Caxias do Sul, as últimas duas décadas demonstraram um aumento do nível de ocupação no setor industrial. Considerando a indústria de transformação, verifica-se que houve um crescimento de 62,7% dos postos de trabalho. Igualmente, foi crescente o volume de empregos nos serviços industriais de utilidade pública, setor que se expandiu cerca de 250 vezes (2.480%). Esse aumento dos empregos registrados nesse setor pode estar relacionado com o processo de privatizações e/ou terceirizações de serviços públicos na última década do século XX e início dos anos 2000. Emerge desse processo um novo segmento de atividade no mundo do trabalho. O setor de serviços também registrou expansão: 56,0%.

A constatação de incremento em vários setores de atividade torna instigante o exame das transformações nas relações de trabalho – e do perfil dos empregos – decorridas na última década. Novos enfoques sobre o mundo do trabalho destacam a heterogeneidade dos trabalhadores no Brasil, evidenciando a necessidade de examinar múltiplas relações sociais. Fatores como gênero e geração, associados à

escolarização, produzem relações de poder e hierarquias no mercado do trabalho. A escolha do município em questão – com uma gama diversificada de setores de atividade e ocupações - permitirá problematizar as mudanças e permanências na organização dos papéis de gênero predominantes no mundo do trabalho. Partimos da premissa de que as transformações no trabalho nas décadas recentes não removem uma lógica sexista na sua organização, mas podem gerar novas formas de segmentação e deslocamentos dos lugares femininos e masculinos no âmbito laboral.

Além desta introdução, o trabalho apresenta mais duas seções. Na seção 2, discutimos alguns aportes teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa em andamento. Na seção 3, abordamos a globalização e suas repercussões na divisão sexual do trabalho no mercado formal de Caxias do Sul nos anos 2000. Examinamos, através de índices obtidos na pesquisa quantitativa através do banco de dados da RAIS, os perfis dos trabalhadores e trabalhadoras que permaneceram em empregos formais no período em questão bem como suas diferentes inserções ocupacionais. Por fim, apresentamos as considerações finais a partir dos resultados obtidos na análise dos dados.

1 GÊNERO E TRABALHO: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Passamos à exposição de alguns referenciais teórico-metodológicos que orientam nossa pesquisa. Ela está situada dentro de um campo interdisciplinar das assim chamadas ciências humanas, embora os levantamentos de dados e indicadores exijam um exercício de aproximação com as ciências sociais aplicadas para seu tratamento bem como um aporte da estatística. Pensamos que o mundo do trabalho e suas complexidades, principalmente na sociedade contemporânea, necessitam ser enfocados por diferentes áreas do conhecimento.

Para uma compreensão dos significados das relações de trabalho na sociedade contemporânea, dialogamos com as contribuições do marxismo anglo-saxão e da Escola dos Annales – França, ambas vertentes historiográficas que ampliaram os problemas e abordagens da história, principalmente por suas

aproximações com outras disciplinas. A partir desses enfoques, a ideia de que as relações sociais no trabalho são estruturadas apenas a partir da polarização entre proprietários dos meios de produção e detentores da força-de-trabalho passou a ser problematizada. A indagação se refere ao caráter a-histórico, por vezes abstrato, do uso do conceito de classe quando tomado apenas como uma ferramenta teórico-explicativa.⁴ Outra crítica a essa visão polarizada do trabalho é que o conceito de classe, por vezes, obscurece a heterogeneidade das múltiplas relações sociais. O conceito de classe – fundamental para a compreensão das relações de trabalho – precisa ser pensado de seus limites analíticos, considerando a necessidade de articulá-lo a outras relações, tornando visível a heterogeneidade da assim chamada classe trabalhadora.

Assim como a noção de classe, consideramos que o conceito de gênero é uma categoria de análise essencial do mundo do trabalho pois descortina a dimensão cultural de práticas sociais que de tão vinculadas ao sexo feminino e masculino tornaram-se essência dos mesmos. A categoria gênero questiona a existência de identidades fixas e universais, contribuindo para refletir sobre os efeitos dos discursos dotados de sentidos de gênero e o modo como operam na sociedade e no trabalho. A respeito do uso deste conceito, há diversos debates que dimensionam as dificuldades de sua utilização. A historiadora Joan Scott trouxe importante contribuição, do ponto de vista do pós-estruturalismo, para a compreensão do gênero como uma relação de poder inscrita nos discursos e práticas sociais:

O pós-estruturalismo insiste em que as palavras e os textos não possuem um significado fixo nem intrínseco; em que não há uma relação transparente nem evidente entre eles, sejam coisas ou idéias, nem tampouco uma correspondência básica ou última entre a linguagem e o mundo. Portanto, as perguntas que são respondidas por estas análises são: como e em quais contextos específicos, entre quais comunidades específicas de pessoas e mediante que processos sociais ou textuais se adquire o sentido? Como mudam os significados? Como emergiram certos significados considerados

⁴ De acordo com Thompson, a classe social surge como experiência a partir das relações do indivíduo com os meios de produção em que nasce ou é inserido no decorrer de sua vida. Mas, conforme o autor, a consciência de classe é essencial para sua formação. E esta consciência passa a existir quando um grupo de indivíduos estabelece uma identidade de interesses antagônicos aos de outro grupo. A formulação de Thompson sobre o conceito de classe permite ultrapassar uma relação mecânica do sujeito com os meios de produção. Através deste conceito, é possível compreender como a cultura, a política, a religião, as relações de gênero incidem na construção da identidade de classe. (THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987).

normativos e outros foram ocultados até, às vezes, desaparecer por completo? O que estes processos revelam sobre a forma como se constrói e opera o poder? (1994, p. 01).

Os debates sobre a utilização do conceito na história envolvem, de um lado, as pesquisadoras vinculadas ao pós-estruturalismo, e do outro as identificadas com a história social influenciada pelo marxismo britânico. As duas abordagens são relevantes para estudos sobre trabalho e gênero. Do ponto de vista pós-estruturalista, a história social enfatizou a oposição binária homem/mulher, a identificação de uma cultura feminina em oposição a uma cultura dominante masculina e as tentativas de construir uma identidade comum às mulheres. Seguindo os caminhos de Foucault, Joan Scott alertou para os limites da história social como campo privilegiado para as pesquisas sobre gênero considerando que suas categorias - como experiência, identidade e classe – partem de uma ideia pré-concebida sobre a existência de sujeitos femininos e masculinos. A crítica à história social remete-se, igualmente, ao uso que esta faz do gênero como uma categoria secundária, apontando que muitas historiadoras a adotaram em suas análises com a condição de manter a primazia do conceito de classe. Dentro do quadro da história social, o gênero apareceria, ainda, como um sub-produto das estruturas econômicas. A crítica à história social permite, conforme Scott, refletir sobre o caráter subjetivo das identidades e pensar o gênero como um aspecto geral da organização da sociedade:

A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres, e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidade foram construídos. Se as identidades mudam ao longo do tempo e em relação a diferentes contextos, não podemos utilizar modelos simples de socialização que vêm gênero como um produto mais ou menos estável da educação na primeira infância, na família e na escola. Devemos deixar de lado também a tendência a compartimentalizar, de boa parte da história social, que relega sexo e gênero à instituição da família, associa classe com o local de trabalho e a comunidade e aloca a guerra e os temas constitucionais exclusivamente no domínio da “alta política” do governo e do estado.[...] O saber social e cultural a respeito da diferença sexual é, portanto, produzido no decorrer da maior parte dos eventos e processos estudados como história. (1994, p.19)

Por outro lado, o uso do conceito na perspectiva da história social enfatiza os mecanismos de dominação e resistência a partir dos quais as identidades de gênero são construídas e vivenciadas. De acordo com Eleni Varikas (1994), a tradição

thompsoniana possibilitou observar as diferentes experiências dos homens e das mulheres como uma dimensão constitutiva dos seus conceitos de classe, de consciência de classe, de política ou de identidade operária. (1994, p.73) Na visão crítica das historiadoras sociais, o pós-estruturalismo, em seu exercício contínuo da desconstrução, conduziria a minimizar a ação dos sujeitos na história e a conferir uma importância relativa ao tempo e ao contexto nos quais se estabelecem as relações de poder:

Com efeito, se no centro da sua teoria da produção do sentido e da formação do gênero se encontram relações conflitantes em confronto permanente, os atores deste conflito são “as forças de significação”, “oposições fixas”, “duplas oposicionais” ou “procedimentos de diferenciação” que – como no tempo em que os preços dos cereais faziam a história – fazem desaparecer do nosso horizonte as pessoas implicadas nesses “jogos de poder e de saber que constituem a identidade e a experiência”. (1994, p.78)

Os estudos de gênero vinculados à história social destacam as relações de dominação e resistência social vivenciadas por homens e mulheres. De acordo com Louise Tilly, ao enfatizar o método e o texto, o pós-estruturalismo subestima a ação humana e faz pender a balança na direção de uma superestimação da coerção social (1994, p.50). Por essa razão, as historiadoras identificadas com a tradição thompsoniana estudam os aspectos discursivos que contribuem para a formação das identidades de gênero, apontado para seu caráter transitório e mutável, porém vinculam as relações de gênero a outras categorias de análise como classe, raça, nacionalidade, para reconstruir as experiências das mulheres no passado.

O debate aqui exposto demonstra a impossibilidade de pensar que exista um campo homogêneo quanto aos usos do conceito de gênero. A discussão – aqui exposta - sobre os debates existentes e os limites do conceito é uma tentativa de escapar à armadilha dos usos indiscriminados da teoria. Gênero é uma importante categoria de análise social e, ao examinar o mercado de trabalho pode ser articulada pensada dentro de uma aproximação teórica com as duas vertentes acima expostas. Nossa opinião, tanto as análises pós-estruturalistas quanto as decorrentes das historiadoras sociais oferecem caminhos para entender os efeitos de gênero na sociedade. Ou seja, as duas perspectivas contribuem para pensar que, historicamente, as relações de trabalho são interpenetradas por práticas e discursos sociais que delimitam fronteiras para o feminino e o masculino:

[...] mientras que la mayoría de las historiadoras piensan que los dos puntos de vista no son excluyentes y defienden una historia de las mujeres – convento, lavadero, pensión, tiendas... –, describir prácticas femininas – del ajuar a la escritura epistolar – sin desplazar en una sociedad gobernada por la diferencia entre los sexos? Asir la historicidad de esta diferencia a todos los niveles de los discursos, de las prácticas, de los espacios, de lo privado y de lo público, de lo político y de lo doméstico, de lo social y de lo económico... es – o debería ser – la preocupación de una historia de las mujeres, resuelta y a la vez descriptiva y problemática, social, cultural y política. (PERROT, 126)

Seguindo a proposição da historiadora Michelle Perrot, a pesquisa incorpora a categoria gênero como uma possibilidade de investigar o viés relacional do contexto de inserção feminina e masculina na esfera laboral na sociedade contemporânea. Buscaremos examinar quais as mudanças e permanências observadas ao longo da década de 2000 na participação de homens e mulheres no mercado de trabalho formal de Caxias do Sul. Com isso, pretendemos iniciar uma investigação – primeiramente de caráter quantitativo – que aponte se há uma mutação em curso nas relações de trabalho a partir do conceito de gênero.

Os aspectos metodológicos da pesquisa dialogam com os debates sobre a vigência da história quantitativa. O estudo, como já foi exposto, utiliza o banco de dados do Ministério do Trabalho que acompanha cada movimentação dos vínculos empregatícios.⁵ Longe de considerar o número como verdade irrefutável, pensamos que o dado numérico pode ser tomado como evidência para interpretar o mundo do trabalho. Recorrer à análise estatística, como afirma Jean-Yves Grenier – contribui para definir o universo dos possíveis. (1998, p.192) De acordo com o autor, o número, assim como outras fontes textuais com as quais os historiadores estão mais habituados a trabalhar, é um índice:

Primeiramente, ele constitui uma maneira entre outras de descrever um fenômeno: pouco importa aqui que esta seja considerada inferior ou superior a escritas mais literárias ou intuitivas, só conta o fato de tratar-se de uma descrição suplementar não redundante. [...] Do mesmo modo que um fragmento de texto ou de um caco de ânfora, ele orienta a intuição. Nesse sentido, pertence ao campo do paradigma indicial evocado acima: desqualificar o paradigma galilaico não basta, portanto, para eliminar o recurso ao quantitativo. (1998, p.191-192)

Os dados usados na pesquisa apresentam limitações, tais como o fato de que são fornecidos por empregadores, o que impede o acompanhamento periódico da

⁵ O Banco de Dados da RAIS registra os movimentos anuais de todos os trabalhadores regidos pela Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e/ou Estatuto do Funcionalismo Público.

atualização e exatidão, tendo em vista que é a empresa – pública ou privada – que abastece as informações sobre os trabalhadores. A metodologia adotada na primeira etapa da pesquisa utiliza a informação como indício para pensar múltiplas relações sociais entre trabalhadores e empregadores: acompanhamento das mudanças salariais, os setores de atividade, os tipos de ocupação, o grau de instrução, entre outras. O cruzamento com essas variáveis permitirá problematizar o perfil dos trabalhadores e trabalhadoras quanto às relações de gênero e verificar se essas incidem na sua inserção e trajetória no mercado de trabalho.

2 GÊNERO E TRABALHO EM CAXIAS DO SUL NOS ANOS 2000: MUTAÇÕES E PERMANÊNCIAS NA NO MERCADO DE TRABALHO

Nesta seção, pretendemos verificar se as transformações nos anos recentes alteraram as relações de gênero no trabalho considerando fatores como escolaridade, salários e setores de atividade. Para tanto, valemo-nos de bibliografia que aponta para as mudanças ocasionadas no cenário do trabalho a partir dos processos de globalização.

Analisando as mudanças decorrentes da crise do modelo de Estado de Bem Estar social europeu, Rose-Marie Lagrave aponta que a partir de 1975 houve uma nova configuração social dos empregos e da divisão social do trabalho. O modelo de emprego estável passou a ser substituído por uma formação e um trabalho à escolha, atomização das formações, emprego instável ou emprego a tempo parcial, desemprego, contrato-formação, trabalho temporário. De acordo com a autora:

A sequência linear das trajetórias profissionais de outrora é substituída por outras de linha quebrada onde desemprego e emprego são apenas as duas faces da flexibilidade e da fragmentação da mão-de-obra. Nessa transformação, a divisão sexual do trabalho não é apenas um efeito da repartição em áreas ou em sectores de actividade, é o princípio organizador da desigualdade face ao emprego: o “verdadeiro” trabalho está na mão dos homens, o “trabalho ao lado” é reservado às mulheres. Não é pois de espantar que as desigualdades entre homens e mulheres aumentem em todo o lado. (LAGRAVE, 1991, p. 538)

A crise do emprego regular se instalou nos países europeus ainda na década de 1970 e se estendeu nos períodos subsequentes. No Brasil, fenômeno

semelhante foi observado a partir da década de 1980, quando o mercado de trabalho formal também iniciou uma fase de atrofia. Embora estes cenários estejam interligados com políticas internas, estão igualmente relacionados com a globalização, que pode ser caracterizada como:

[...] economia dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento em escala global; processo de produção flexíveis e multilocais; baixos custos de transporte; revolução nas tecnologias da informação e de comunicação; desregulação das economias nacionais; preeminência das agências financeiras multilaterais; emergência de três grandes capitalismos transnacionais: o americano, baseado nos EUA e nas relações privilegiadas deste país com o Canadá, o México e a América Latina; o japonês, baseado no Japão e nas suas relações privilegiadas com os quatro pequenos tigres e com o resto da Ásia; e o europeu, baseado na União Européia e nas relações privilegiadas desta com a Europa de Leste e com o Norte de África. (SANTOS, 2005, p. 29)

Nas décadas de 1980 e 1990, o Brasil intensificou sua integração ao sistema financeiro internacional assumindo uma política de diminuição do papel regulador do Estado. Como efeito, o mercado de trabalho apresentou uma tendência à desestruturação: redução dos postos de trabalho regulares, retração das ocupações na indústria, expansão do desemprego e das ocupações irregulares. A partir do cenário exposto, cabe verificar as configurações recentes do mercado de trabalho formal em Caxias do Sul e o perfil de trabalhadores e trabalhadoras.

Ao observar o panorama relativo ao período de 2000 a 2008, os indicadores da RAIS mostram que houve certa estabilidade na composição da força de trabalho masculina e feminina para Caxias do Sul.

Tabela 1: Estoque de empregos formais em Caxias do Sul, para os anos de 2000, 2004 e 2008, por sexo.

	2000		2004		2008	
	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)
Homens	61.490	61,0	74.188	60,2	92.817	59,1
Mulheres	39.337	39,0	49.093	39,8	64.166	40,9
Total	100.827	100,0	123.281	100,0	156.983	100,0

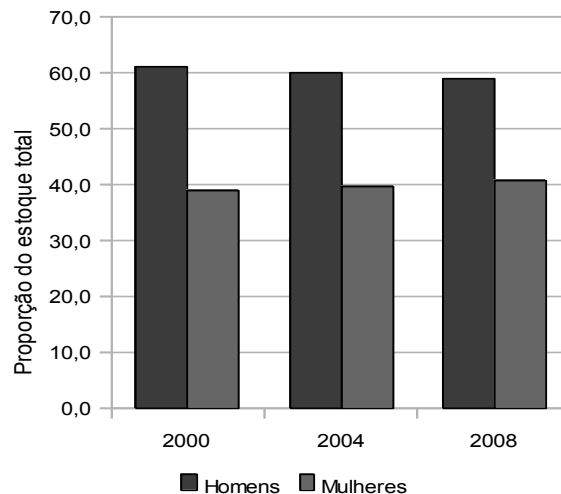
Fonte: RAIS / PDET / MTE.

Tabulação: Observatório do Trabalho / UCS

A Tabela 1 mostra o estoque de empregos formais em Caxias do Sul, para os anos de 2000, 2004 e 2008 estratificados por sexo. No primeiro ano observado, a

proporção de homens e mulheres no estoque total de empregos era, respectivamente, 61,0% e 39,0%. Nos anos de 2004 e 2008 a proporção de mulheres no estoque total cresceu, passando para 39,8% em 2004 e 40,9% em 2008. O gráfico 1 ilustra essa evolução.

Gráfico 1 : Participação de homens e mulheres no estoque total de empregos formais em Caxias do Sul para os anos de 2000, 2004 e 2008



Fonte: RAIS / PDET / MTE. Elaboração: Observatório do Trabalho / UCS

De 2000 para 2004, o número de postos de trabalho ocupados por mulheres cresceu 24,8%. De 2004 para 2008 o crescimento foi de 30,7%. Esse aumento foi maior que o registrado nos postos de trabalho ocupados por homens cujo crescimento foi de 20,7% de 2000 para 2004 e de 25,1% em de 2004 para 2008. Embora o mercado de trabalho formal, em números absolutos, continue predominantemente masculino, chama a atenção o fato de que a força-de-trabalho feminina tenha, proporcionalmente, se expandindo mais do que a masculina. A que fatores isto pode ser atribuído? A escolaridade feminina, superior à apresentada pelos trabalhadores homens ao longo de toda a década analisada, evidencia uma possível resposta. Ao longo dos anos examinados, os dados disponíveis sobre Caxias do Sul comungam com a literatura já consolidada sobre a maior escolaridade das mulheres como fator que vem favorecendo o acesso ao trabalho:

A expansão da escolaridade, à qual as brasileiras vêm tendo cada vez mais acesso, é um dos fatores de maior impacto sobre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. (...) Assim, em 2002, 37% delas e apenas 26% deles tinham mais de onze anos de estudo; em dez anos, o percentual de

trabalhadoras com esse nível de escolaridade deu um salto de 23% para 37%! A escolaridade mais elevada das trabalhadoras, reproduz, na verdade, o que ocorre na população em geral. Nessa população, pode-se constatar que o predomínio feminino ocorre a partir do ensino médio, ou seja, de nove a onze anos de estudo. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2007, p. 54-55)

A Tabela 2 mostra o estoque de empregos em Caxias do Sul para os anos de 2000, 2004 e 2008 estratificados por sexo e grau de escolaridade. É possível verificar que – ao longo de todo o período – as mulheres apresentam mais anos de estudo do que os homens.

Tabela 2: Estoque de empregos em Caxias do Sul para os anos de 2000, 2004 e 2008 estratificados por sexo e grau de escolaridade.

Grau de Instrução	2000				2004				2008			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)
Analfabeto	612	1,0	367	0,9	191	0,3	109	0,2	147	0,2	76	0,1
Ens. Fund. Inc.	23.145	37,6	10.041	25,5	17.663	23,8	8.350	17,0	16.239	17,5	8.164	12,7
Ens. Fund. Com.	21.087	34,3	11.419	29,0	25.776	34,7	12.910	26,3	30.590	33,0	15.545	24,2
Ens. Méd. Com.	13.149	21,4	11.693	29,7	24.134	32,5	19.548	39,8	38.897	41,9	30.106	46,9
Ens. Sup. Com.	3.497	5,7	5.817	14,8	6.424	8,7	8.176	16,7	6.944	7,5	10.275	16,0
Total	61.490	100,0	39.337	100,0	74.188	100,0	49.093	100,0	92.817	100,0	64.166	100,0

Fonte de dados: RAIS / PDET / MTE.

Tabulação: Observatório do Trabalho / UCS

Os dados indicam que a mão de obra feminina se concentrou no ensino médio completo: 29,7% em 2000, 39,8% em 2004 e 46,9% em 2008. O acesso à escolaridade pode estar associado à maior inserção das mulheres nos empregos formais em diversos segmentos ocupacionais. De 2000 a 2008, elas foram majoritárias entre os empregados com ensino superior completo, como demonstram os anos de 2000 (14,8% mulheres e 5,7% homens); de 2004 (16,7%mulheres e 8,7% homens); por fim, de 2008 (16,0% mulheres e 7,5% homens).

Considerando a população masculina, o grau de instrução apresentou tendência ao crescimento. No ano 2000, a maioria dos homens possuía ensino fundamental incompleto (37,6%), seguido do ensino fundamental completo (34,3%). Entre os anos de 2000 e 2008 houve um movimento dinâmico que apontou para

uma mudança da escolaridade dos trabalhadores empregados no mercado formal. Paulatinamente, os homens deixaram de se concentrar no ensino fundamental incompleto e rumaram para o ensino médio. Porém, apenas em 2008 o ensino médio completo surgiu como grau de instrução que concentrou a parcela mais robusta da força de trabalho masculina caxiense (41,9%).

Uma possível leitura destes indicadores é que a repercussão do discurso pró-escolarização e qualificação como garantia de emprego tenha sido maior sobre os homens. A população feminina, ao longo de todo o período, manteve de forma estável uma vantagem escolar, tanto no ensino médio completo quanto no ensino superior. Chama a atenção, ainda, o decréscimo da presença - tanto masculina quanto feminina - nos graus de instrução identificados como ensino fundamental incompleto e analfabetos. Tudo indica que houve, ao longo da década, um movimento dos trabalhadores de ambos os sexos pelo aumento da escolaridade. No cenário em questão, o trabalhador com escolaridade completa (fundamental, ensino médio ou superior) é o perfil mais representativo do mercado de trabalho formal caxiense.

Outro questionamento da pesquisa foi examinar se houve uma alteração da distribuição masculina e feminina nos setores de atividade. Ao longo dos últimos 30 anos, os setores de atividade que mais concentram os homens foram o extrativo mineral, a indústria de transformação, a construção civil e a agropecuária. A presença feminina foi mais robusta no setor de serviços, comércio e administração pública. Os indicadores da RAIS demonstram uma permanência desta segregação do mundo do trabalho, porém, com alguns deslocamentos. A Tabela 3 mostra o estoque de empregos em Caxias do Sul para os anos de 2000, 2004 e 2008 estratificados por sexo e setor de atividade econômica segundo classificação do IBGE.

Tabela 3: Estoque de empregos em Caxias do Sul para os anos de 2000, 2004 e 2008 estratificados por sexo e setor de atividade econômica.

Setor de ativ. econômica	2000				2004				2008			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)
Extrativa mineral	45	0,1	7	0,0	33	0,0	3	0,0	69	0,1	8	0,0
Ind. De transformação	34.663	56,4	13.955	35,5	44.038	59,4	17.911	36,5	54.380	58,6	24.706	38,5
Serv. Ind. E de util. Púb.	10	0,0	1	0,0	34	0,0	7	0,0	2.133	2,3	598	0,9
Construção civil	3.113	5,1	498	1,3	2.880	3,9	392	0,8	3.926	4,2	298	0,5
Comércio	7.905	12,9	6.211	15,8	9.620	13,0	8.137	16,6	11.243	12,1	11.103	17,3
Serviços	13.204	21,5	14.691	37,3	14.746	19,9	18.215	37,1	18.244	19,7	22.910	35,7
Administração pública	1.596	2,6	3.565	9,1	1.712	2,3	4.021	8,2	1.602	1,7	4.069	6,3
Agropecuária	954	1,6	409	1,0	1.125	1,5	407	0,8	1.220	1,3	474	0,7
Total	61.490	100,0	39.337	100,0	74.188	100,0	49.093	100,0	92.817	100,0	64.166	100,0

Fonte de dados: RAIS / PDET / MTE.

Tabulação: Observatório do Trabalho / UCS

Devido ao perfil industrial desenvolvido em Caxias do Sul a partir da década de 1960, a indústria de transformação passou a ser responsável pelo maior volume de empregos. Nos anos analisados, a população masculina sempre encontrou neste setor a principal fonte de ocupação (58,1% em média). Para os anos de 2000 e 2004, houve maior concentração das mulheres no setor de serviços (37,2%, em média). No entanto, em 2008, ocorreu uma modificação importante: o setor da indústria de transformação passou a empregar, pela primeira vez, a maior parcela das trabalhadoras, sendo responsável por 38,5% dos empregos femininos. Considerando o universo dos empregados homens, os índices apontam para a permanência de uma concentração na indústria de transformação ao longo de todo o período. Assim, embora os homens permaneçam dominando a indústria, desperta a atenção que este setor tenha passado a concentrar o maior contingente de mulheres empregadas no mercado formal. Caberá acompanhar esse movimento nos próximos anos a fim de ver se esse aumento da participação feminina na indústria se confirmará como tendência ou como episódio conjuntural.

O setor de serviços pontuou na segunda posição como o responsável tanto pela maior concentração de mulheres quanto de homens. Todavia, neste setor as mulheres solidificaram uma liderança na ocupação dos postos de trabalho. Entre 2000 e 2008, observa-se um leve decréscimo da concentração feminina no setor de serviços, passando de 37,3% para 35,7%. Por outro lado, na indústria de transformação houve uma expansão de 3,0%. Para além dos números totais, é importante verificar quais as ocupações que vêm permitindo essa expansão feminina dentro da indústria de transformação, setor que representou historicamente um nicho masculino no mercado de trabalho.

A Tabela 4 apresenta o estoque total de empregos e a proporção de mulheres nos dez maiores grupos ocupacionais de Caxias do Sul nos anos de 2004, 2006 e 2008. Os trabalhadores indicados nos grupos ocupacionais representam 48,0% do estoque total em 2008.

Tabela 4: Estoque total e proporção de mulheres nas 10 maiores ocupações de Caxias do Sul.

CBO	Subgrupo ocupacional	Estoque Total			Proporção de Mulheres (%)		
		2004	2006	2008	2004	2006	2008
784	Embaladores e alimentadores de produção	10.977	11.395	12.644	43,6	46,2	48,3
411	Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	7.563	8.315	9.600	71,5	72,3	73,0
721	Trabalhadores de usinagem de metais e de compósitos	6.795	6.768	9.027	5,8	5,3	5,5
724	Trabalhadores de montagem de tubulações, estruturas metálicas e de compósitos	7.099	7.546	8.617	3,9	4,5	5,8
521	Vendedores e demonstradores	6.580	7.688	8.496	57,4	58,0	60,0
782	Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e de movimentação de cargas	4.840	5.458	6.383	0,8	1,3	1,5
111	Membros superiores do poder legislativo, executivo e judiciário	5.539	5.670	5.933	70,5	69,8	69,5
513	Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	3.587	4.543	5.249	76,9	79,0	81,8
514	Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de edifícios e logradouros	3.649	4.057	4.828	74,9	74,4	73,3
725	Montadores de máquinas e aparelhos mecânicos	3.223	3.799	4.554	11,1	12,1	14,0
Total		123.281	134.994	156.983	39,8	40,8	40,9

Fonte: RAIS / PDET / MTE

Tabulação: Observatório do Trabalho / UCS

Os dois maiores subgrupos ocupacionais (CBO 784 e 411) apresentaram incremento na proporção de mulheres. Mesmo em ocupações do setor industrial - majoritariamente ocupadas por homens (CBO 724, 782 e 725) - houve uma expansão na participação feminina. Todavia, se esse crescimento pode ser interpretado como indicador de um movimento dinâmico rumo a uma alteração das funções desempenhadas por homens e mulheres, a análise geral das dez maiores ocupações parece confirmar a persistência de uma segregação de gênero no mercado de trabalho formal. No caso da indústria, por exemplo, a inserção feminina apresentou maior concentração na CBO 784- Embaladores e alimentadores de produção. A maior colocação da mão de obra feminina na indústria apresenta-se ainda majoritariamente direcionada para algumas áreas que podem ser classificadas como atividades “não perigosas”. Homens prevalecem associados à execução de atividades consideradas “de risco” – como o controle de máquinas - e a manipulação de materiais “duros”.

Ainda para fins de análise das inserções de gênero nos setores de ocupação, apresentamos aqui parte das informações de pesquisas orientadas pelos autores, que integram o escopo desta investigação. O objetivo das pesquisas conduzidas por Dalponte (2010) e Henquer (2010) foi comparar as modificações nas relações de homens e mulheres quanto à presença nos postos de trabalho, renda e graus de instrução em dois setores: Administração Pública e Serviço Industrial de Utilidade Pública. O primeiro foi escolhido pelo fato de ser uma área que vem concentrando uma proporção significativa de trabalhadoras, especificamente pelo segmento dos dirigentes do serviço público (Família 1114 da Classificação Brasileira de Ocupações). O segundo, por se tratar de um segmento novo do mercado de trabalho, que surge no final dos anos 1990 em parte decorrente dos processos de remodelação do Estado às privatizações e terceirizações. Igualmente, chamou a atenção que este setor foi o que mais gerou, proporcionalmente, novos postos de trabalho tanto para homens quanto para mulheres

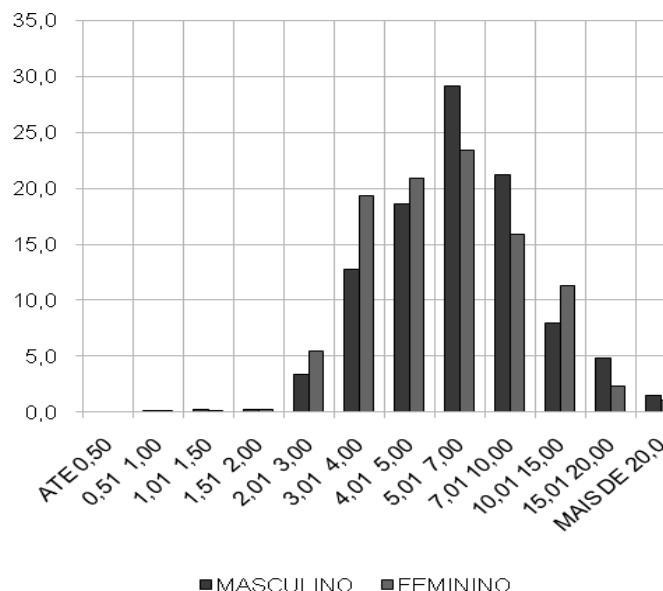
Verificando primeiramente o cenário da Administração Pública, para os anos de 2003, 2005 e 2008, notou-se que a família ocupacional 1114 apresenta uma significativa concentração feminina (70,0%, em média). Quanto à escolarização, os servidores de ambos os sexos possuem, majoritariamente, ensino superior completo. Nesse grau de instrução, as mulheres estão em vantagem em relação aos

homens, uma vez que cerca de 80,0% das mulheres possuem ensino superior completo enquanto apenas 20,0% dos homens apresentam o mesmo grau de educação.

A administração pública vem se constituindo como um nicho de mercado para a população feminina tendo em vista a conquista da liderança nos quadros dirigentes do serviço público municipal de Caxias do Sul. Em parte, essa vantagem se deve ao acesso via concurso público, que em tese, isentaria o processo seletivo de discriminação tradicionais observados em outros segmentos do mercado de trabalho. Por outro lado, a tendência de maior escolaridade da população feminina como meio para driblar uma desvantagem associada ao sexo favorece o acesso a determinadas funções públicas que possuem como requisito o ensino superior.

Um aspecto a ser destacado é que a maior proporção de mulheres nos cargos dirigentes da administração pública não implica em maiores rendas. O gráfico 2 (HENQUER, 2010) mostra a distribuição das remunerações (em salários mínimos) recebidas por homens e mulheres para o ano de 2008.

Gráfico 2: Distribuição das remunerações (s.m.) na administração municipal de Caxias do Sul para o ano de 2008, estratificado por sexo.



O gráfico aponta uma diferença salarial (em salários mínimos, s.m.) favorável aos homens - evidenciada em duas faixas salariais - 5 e 7 s.m.; de 7 a 10 s.m.. O mesmo se repete nas duas faixas salariais mais elevadas (15 a 20 s.m. e mais de 20

s.m). Destaca-se que comportamento semelhante foi observado nos anos 2003 e 2005. O serviço público, por suas características de ingresso, constitui-se em espaço de ascensão da população feminina. Dentro do quadro dos dirigentes do serviço público observa-se a presença de um perfil de mulheres mais maduras, com faixa etária predominante entre 30 e 39 anos, e escolarizadas (HENQUER, 2010). Embora elas apresentem vantagem quanto à escolaridade, há uma concentração masculina nos melhores salários, o que ainda pode gerar uma diferenciação na trajetória da carreira de homens e mulheres dentro da Administração Pública.

Quanto ao segundo setor examinado - Serviços Industriais de Utilidade Pública- Dalponte (2010) demonstra que o seu surgimento foi recente, tendo em vista o baixo número de vínculos para anos anteriores a 2005. As três famílias ocupacionais de maior representatividade evidenciam a permanência de uma segmentação sexuada no mercado de trabalho formal que pode ser observada ao analisar indicadores salariais ao longo da década de 2000, comparando a média de rendimentos segundo o sexo.⁶

Tabela 5: Distribuição da remuneração (s.m.) por sexo e família ocupacional em Caxias do Sul em 2008

Faixa de rem. média	Família 1114		Família 4110		Família 5142	
	Masc. (%)	Fem. (%)	Masc. (%)	Fem. (%)	Masc. (%)	Fem. (%)
Até 0,50 s.m	0,37	2,25	1,80	4,35	0,00	0,00
De 0,51 a 1,00 s.m.	1,87	1,12	6,12	8,70	0,31	1,54
De 1,01 a 1,50 s.m.	1,50	1,12	22,66	2,61	0,63	0,00
De 1,51 a 2,00 s.m.	1,12	0,00	33,09	0,87	0,31	2,31
De 2,01 a 3,00 s.m.	3,75	6,74	19,42	31,30	36,25	68,46
De 3,01 a 4,00 s.m.	9,74	7,87	6,12	35,65	45,31	20,00
De 4,01 a 5,00 s.m.	14,23	21,35	2,16	5,22	9,69	3,08
De 5,01 a 7,00 s.m.	25,47	21,35	1,80	6,96	2,50	1,54
De 7,01 a 10,00 s.m.	23,60	17,98	2,52	3,48	1,56	0,00

⁶ As variáveis utilizadas são: escolaridade, faixa etária e faixa de remuneração média, cruzando-as com a variável sexo. As três ocupações selecionadas, as quais mais empregaram mulheres no setor de Serviços Industriais de Utilidade Pública, em 2008, de acordo com a codificação da CBO, foram: Família 1114: Dirigentes do serviço público; Família 4110: Agentes, assistentes e auxiliares administrativos; Família 5142: Trabalhadores no serviço de coleta de resíduos, de limpeza e conservação de áreas públicas.

De 10,01 a 15,00 s.m.	7,87	6,74	0,72	0,00	0,00	0,00
De 15,01 a 20,00 s.m.	5,24	3,37	0,00	0,00	0,00	0,00
Mais de 20,00 s.m.	3,75	5,62	0,00	0,00	0,00	0,00
Ignorado	1,75	4,49	3,60	0,87	3,44	3,08
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados: RAIS / PDET / MTE.

Tabulação: Observatório do Trabalho / UCS

Com exceção da família 4110, que designa a ocupação de agentes e auxiliares administrativos, nas outras duas famílias selecionadas para análise das trajetórias de gênero no segmento econômico intitulado Serviço Industrial de Utilidade Pública, nota-se uma concentração da força de trabalho masculina em faixas salariais com remuneração superior em relação ao apresentado para a feminina. Na tabela a seguir, será possível verificar – para uma amostra de três anos da década examinada – os rendimentos em salários mínimos de homens e mulheres inseridos no mercado formal de Caxias do Sul, considerando todos os setores econômicos.

Tabela 6: Distribuição da remuneração (s. m.) por sexo de 2000 a 2008 em Caxias do Sul

Faixa de rem. Dezembro	2000		2004		2008	
	Masc. (%)	Fem. (%)	Masc. (%)	Fem. (%)	Masc. (%)	Fem. (%)
Até 0,50 s.m.	0,21	0,29	0,40	0,36	0,26	0,39
De 0,51 a 1,00 s.m.	1,15	2,08	1,21	2,47	2,13	3,50
De 1,01 a 1,50 s.m.	2,07	4,75	2,81	7,54	6,59	16,92
De 1,51 a 2,00 s.m.	7,10	13,97	10,15	20,88	10,61	22,35
De 2,01 a 3,00 s.m.	17,59	27,14	20,31	27,93	22,52	23,48
De 3,01 a 4,00 s.m.	16,89	15,96	17,27	12,80	17,47	10,55
De 4,01 a 5,00 s.m.	12,79	9,68	12,14	7,42	11,66	5,84
De 5,01 a 7,00 s.m.	16,81	10,64	14,73	7,89	12,47	5,46
De 7,01 a 10,00 s.m.	11,68	6,08	9,60	4,77	7,01	3,44
De 10,01 a 15,00 s.m.	6,36	3,63	5,13	2,88	3,32	2,07
De 15,01 a 20,00 s.m.	2,26	1,37	1,61	0,98	1,12	0,62
Mais de 20,00 s.m.	2,68	1,21	1,96	0,89	1,09	0,37
Ignorado	2,42	3,19	2,67	3,18	3,75	5,00
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados: RAIS / PDET / MTE.

Tabulação: Observatório do Trabalho / UCS

No período em questão, a concentração da força de trabalho tendeu a ocorrer na faixa salarial de 1 a 4 salários mínimos. Para a população feminina, houve maior propensão a ocupar postos de trabalho com menor remuneração. Em 2000, 13,97% das mulheres trabalhadoras recebiam de 1,51 a 2 salários mínimos. Em 2008 este contingente subiu para 22,35%. A presença feminina nas faixas salariais mais elevadas também se manteve menos representativa ao longo da década, tendendo a um decréscimo. Tomando como exemplo o índice de 7,01 a 10 salários, percebe-se que houve uma diminuição do contingente tanto masculino quanto feminino nesta faixa de remuneração. Contudo, os índices apontam para um prejuízo maior da população feminina. Considerando que, em tese, os salários mais elevados exigem maior grau de instrução e observando que ao longo de todo o período as mulheres apresentaram maior escolaridade do que os homens, conclui-se que a maior escolarização feminina não evitou uma segmentação de gênero. Tal segregação se reflete tanto nos setores de ocupação quanto nas diferenças salariais que marcaram a trajetória de mulheres e homens que através da inserção no trabalho, organizam suas formas de vida. Desse modo, um dos efeitos gerais da década analisada parece ser uma tendência à concentração da mão de obra em faixas salariais menos elevadas para trabalhadores de ambos os sexos. Contudo, essa propensão foi mais acentuada para as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As décadas finais do século XX assistiram a mudanças consideráveis no mundo do trabalho. Neste artigo, tivemos como proposta discutir algumas repercussões do cenário global no mercado formal da cidade de Caxias do Sul. Partimos de estudos que examinam o final do século XX e primeira década do século XXI e enfocam o perfil da mão-de-obra, identificando as relações de gênero como um dos elementos estruturantes da organização do trabalho.

A globalização vem acelerando mudanças tecnológicas que afetam o perfil da produção e exigem novas “competências” para o ingresso no mundo do trabalho. Uma das conseqüências da globalização foi dar relevo à competição interna entre os

trabalhadores devido ao aumento da concorrência pelo emprego, principalmente o formal:

[...] o mundo do trabalho tenderia a refletir as mutações técnico-produtivas, marcadas pela maior insegurança no emprego e por elevada concorrência no interior da população ativa. De certa forma, novos conhecimentos científicos e tecnológicos estariam associados às exigências empresariais de contratação de empregados com polivalência multifuncional, maior capacidade motivadora e habilidades laborais adicionais no exercício do trabalho. (POCHMANN, 2007, p.41)

As alterações desencadeadas pelos ajustes macroeconômicos afetaram quantitativamente e qualitativamente os postos de trabalho. O mercado passou a exigir um novo perfil: escolarização elevada, domínio tecnológico e polivalência são alguns dos requisitos recorrentes no discurso empresarial para descrever o trabalhador desejável na era da globalização. Verifica-se que estas novas exigências repercutiram na divisão sexual do trabalho no cenário de Caxias do Sul.

Ao observar os efeitos da reestruturação produtiva e da complexidade tecnológica, Hirata (2002) chama a atenção para o fato de que as mudanças tecnológicas não têm as mesmas conseqüências para homens e mulheres. A autora examina que a tecnologia opera diferentemente nos papéis sexuais no mundo do trabalho em países industrializados e em países considerados em via de desenvolvimento: “As conseqüências das inovações tecnológicas e organizacionais sobre as condições de trabalho ou sobre a qualificação não são as mesmas de acordo com a categoria socioprofissional atingida, de acordo com o nível de qualificação e o lugar na divisão do trabalho”(HIRATA, 2002, p. 225-226).

Ao observar o panorama do mercado formal de trabalho em Caxias do Sul nota-se que há – em curso – uma alteração do perfil do emprego e dos empregados. Todavia, permanecem distinções com base em lugares sexuais, talvez agora renovadas por argumentos requintados, mas que funcionam, ainda, pela lógica da segregação de gênero. Na seção anterior, observamos que na primeira década do século XXI houve alterações nas configurações de gênero no mercado de trabalho da cidade, influenciadas, ao que tudo indica, pelo cenário de novas tecnologias e do discurso da qualificação profissional como exigências para o acesso ao emprego.

Para melhor examinar os resultados, fazemos aqui uma aproximação ao estudo sobre a condição do trabalho feminino no Brasil nos anos recentes, conduzido por Bruschini e Lombardi (2007). As autoras revelaram que nos primeiros

anos da década atual a inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro se caracterizou por progressos e atrasos. Em síntese, concluíram que houve um aumento da participação feminina no trabalho ao mesmo tempo em que os índices de desemprego também apresentaram elevação. Salientam a permanência de um predomínio do trabalho feminino em atividades precárias e informais ao mesmo tempo em que as mulheres passaram a ter mais acesso a profissões e carreiras de prestígio:

As trabalhadoras, que até o final dos anos 1970, em sua maioria, eram jovens, solteiras e sem filhos, passaram a ser mais velhas, casadas e mães. Em 2002, a mais alta taxa de atividade feminina, superior a 70%, é encontrada entre mulheres de 30 a 39 anos, e 67% das mulheres de 40 a 49 anos também são ativas. (...) Entretanto, apesar de todas essas mudanças, muita coisa continua igual: as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. (2007, p. 48)

A pesquisa que aqui conduzimos não permitirá chegar a todas as conclusões sobre o panorama do trabalho em Caxias do Sul nos anos recentes, tendo em vista que as fontes estatísticas disponíveis estão limitadas aos empregos formais. Assim, os dados não informam a situação das ocupações informais, do trabalho autônomo, de profissionais liberais e, ainda menos, sobre trabalhos não remunerados que, historicamente, são exercidos pelas mulheres. Há, portanto, um amplo espaço de inserção feminina e masculina no mundo do trabalho que não pode ser mensurado pelas estatísticas disponíveis, o que constitui um limite para nossa investigação. Sobre isto, vale aqui lembrar Michelle Perrot quando nos chama a atenção para os silêncios que encontramos em muitas fontes ao investigar a história das mulheres pelo simples fato de que, até pouco tempo, o espaço público, arena por excelência dos acontecimentos, lhes foi negado (PERROT, 1989). Esse silêncio repercute igualmente em um não reconhecimento de diversas ações das mulheres na esfera social como dignas de valor. Ao indagar sobre o que é um trabalho de mulher, a historiadora francesa responde: “As mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram profissões” (PERROT, 2005, p. 251).

O fato de que a inserção feminina no mundo “reconhecido” do trabalho profissional seja uma história recente dificulta a problemática do silêncio, fato que pode ser observado quando se percebe que, atualmente, persiste o debate – principalmente no campo da economia – sobre o caráter de “não trabalho” do

trabalho doméstico. Esse conceito, associado ao valor gerado, acaba por não considerar como trabalho uma série de ocupações não remuneradas, inestimáveis para a vida social e a organização econômica, e que, historicamente, foram associadas às mulheres. Como resultado, essas atividades são desvalorizadas e vistas como o exercício natural de habilidades femininas. Retomando o diálogo com Perrot (2005) ela afirma que as discriminações se enraízam nos costumes, produtos das representações de longa duração, remodeladas ao sabor das necessidades do tempo. Evidencia-se, portanto, que as clivagens que geram diferenças entre profissões feminilizadas e masculinizadas estão relacionadas com uma trajetória de segregação para ambas as profissões.

Uma possível explicação para o fato de que os trabalhadores homens apresentem, no mercado formal, graus de instrução menos elevados - em relação às mulheres - pode estar relacionada aos tipos de ocupações que, primeiramente, são acessadas pelos homens. Elas não são as mesmas ocupações que dão acesso às mulheres. O primeiro ingresso da população masculina no mercado formal ocorre, principalmente, através de empregos que exigem, sobretudo, força física. São empregos masculinizados. Aspectos culturais, resistindo às inovações tecnológicas, influenciam para que as empresas prefiram contratar homens para certas ocupações. A segregação de gênero colabora para que as mulheres tenham baixa representatividade em empregos associados a atividades masculinas. Esse aspecto é reforçado através de uma representação social sobre a existência de uma polarização de conhecimentos e habilidades: um polo tipicamente masculino e outro, tipicamente feminino.

Quando a seleção para o emprego é feita pela via de concurso público, observa-se que as mulheres vêm obtendo vantagens na ocupação de postos, inclusive em funções dirigentes. Aqui, a maior escolaridade das mulheres garante o acesso a cargos elevados, muitos dos quais exigem como requisito a formação no ensino superior. Embora elas estejam representadas majoritariamente no quadro dos dirigentes da administração pública, a pesquisa aqui realizada aponta que vantagem feminina não se estende aos salários, onde a superioridade ainda é masculina, verificando-se a permanência de uma segregação ao longo da trajetória profissional, mesmo no quadro do serviço público.

A título de conclusões provisórias da pesquisa destacamos as seguintes perspectivas para a análise do comportamento do mercado de trabalho formal de Caxias do Sul na década de 2000: tendência à concentração da mão de obra - masculina e feminina - no setor da indústria de transformação; a permanência de uma segregação de gênero tanto nos setores econômicos quanto nas ocupações que mais empregaram; o crescimento da participação feminina em ocupações tradicionalmente masculinas - a exemplo da CBO 782 - ao mesmo tempo em que se solidificou a liderança das mulheres em alguns setores do mercado de trabalho, inclusive nas funções de dirigentes do serviço público; a crescente escolaridade para ambos os sexos, registrando que a busca pelo aumento do grau de escolaridade foi mais significativo para os homens, tendo em vista que as mulheres já apresentavam, desde o início da década, índices mais elevados de anos de estudo. Ao mesmo tempo, a pesquisa aponta para o fato de que as relações de gênero, associadas a fatores históricos e culturais, tendem a (re)produzir assimetrias no mundo do trabalho. Isso se manifesta mesmo em setores econômicos relativamente novos, como foi verificado no Serviço Industrial de Utilidade Pública, segmento no qual, as mulheres, mesmo com maior escolaridade e desempenhando as mesmas ocupações, tendiam a receber menores salários. Comparativamente, essa mesma situação foi verificada para as mulheres e homens dirigentes do serviço públicos, demonstrando que a carreira pública - em tese, de acesso igualitário para mulheres e homens - não garante um equilíbrio nas trajetórias profissionais.

O exame do mundo do trabalho a partir do conceito de gênero e dentro de uma perspectiva interdisciplinar demonstra um importante potencial para compreender os efeitos dos discursos e práticas sociais que operam para a manutenção de uma lógica sexuada no mercado de trabalho. Da mesma forma, a análise permanente dos dados permite vislumbrar os movimentos dinâmicos em direção a mudanças nos lugares masculinos e femininos, demonstrando que na sociedade contemporânea há maior fluidez nas fronteiras que demarcam as relações de gênero.

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, H; SEGNINI, L. (org). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed. Senac, 2007. p.43-87.

DALPONTE, D.. Perfil das ocupações que Mais Empregaram no Setor de Serviços Industriais de Utilidade Pública de Caxias do Sul. In: ENCONTRO ANUAL DE JOVENS PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 18, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2010. Disponível em <http://www.ucs.br/site/nucleos-pesquisa-e-inovacao-e-desenvolvimento/nucleos-de-inovacao-e-desenvolvimento/observatorio-do-trabalho/estudos-e-artigos> . Acesso em 21 out. 2010

GRENIER, Jean-Yves. A História quantitativa ainda é necessária? In: BOUTIER, J. JULIA, D. **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

HENQUER, R.F. Relações de Gênero na Administração Pública. In: ENCONTRO ANUAL DE JOVENS PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 18, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2010. Disponível em <http://www.ucs.br/site/nucleos-pesquisa-e-inovacao-e-desenvolvimento/nucleos-de-inovacao-e-desenvolvimento/observatorio-do-trabalho/estudos-e-artigos>. Acesso em 21 out. 2010.

HIRATA, H. Flexibilidade, trabalho e gênero. In: HIRATA; H.; SEGNINI, L.(org). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed. Senac, 2007. p. 89-108.

LAGRAVE, R. M. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres: o século XX**. Porto: Afrontamento, 1991. p.505-543.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, M. Historia (sexuación de la). In: HIRATA et al. **Diccionario Crítico del Feminismo**. Madrid: Ed. Síntesis, 2002. p. 123-127.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 09-27, ago/set. 1989.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, B.S. **A globalização e as ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCOTT, J. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, v.3, 1994.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TILLY, L. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**, v.3, 1994.

VARIKAS, E. Experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, v.3, 1994.

Dossiê:

Recebido em: 30/10/2010

Aceito em: 27/11/2010